

O Cupido Tropicalista

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Aquele último dia de atividades na escola estava sendo diferente para Camila, pela primeira vez em sua vida a professora ganhara uma cesta de natal. Festas de final de ano são sempre carregadas de muita emoção e, via de regra, deixam as pessoas eufóricas. E foi assim que este clima a contagiou dando-lhe a certeza de que voltaria para casa um pouco mais alegre. O problema é que essa volta, certamente, seria mais complicada do que de costume. Carregar a cesta em um ônibus seria uma tarefa impossível e, por isso, resolveu apelar para o aplicativo de transporte. Solicitou o carro e, alguns minutos depois, Rodrigo encostava na calçada onde ela o aguardava. Foi com certa dificuldade que Camila colocou a cesta no veículo antes de se acomodar no banco de trás e, como segurança nunca é demais, começou a escrever a mensagem para sua mãe com os dados do motorista e do veículo. Foi aí que algo absolutamente inesperado chamou sua atenção. Rodrigo com o som do carro ligado ouvia **Tom Zé**. Realmente aquele era um dia diferente, pensou. Fã incondicional do cantor e compositor baiano, ícone do movimento tropicalista e contestador inveterado, ela jamais imaginou que naquele dia, ao invés de sertanejo universitário, fosse ouvir músicas de seu compositor preferido, ainda mais em um carro de aplicativo. Tom Zé sempre se mostrou um artista completamente fora da curva e é praticamente desconhecido da geração que nasceu no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, casos de Camila e Rodrigo. Por isso, para além da surpresa que causara, Rodrigo ganhou de cara a simpatia de Camila. E ela, ao se declarar fã do “*Trótski do tropicalismo*”, também ganhou muitos pontos com o rapaz. Como era de se esperar, durante o tempo que transcorreu o trajeto, a conversa entre eles foi monotemática, era Tom Zé pra cá, Tom Zé pra lá, etc e tal, e Tom Zé também. Falaram das músicas preferidas, dos shows que conseguiram assistir, da falta que sua presença e a de suas músicas fazia nas programações das rádios, e na mídia em geral... Velejaram alegres pelo oceano Tom Zé o tempo todo. E, a cada informação trocada, fato relevante lembrado, história sobre essa ou aquela música, a simpatia mútua ganhou contornos de admiração recíproca.

Enquanto dirigia e conversava com Camila, **Rodrigo** lembrou-se da música “*Não buzine que eu estou paquerando*”. Ele estava vivendo na própria pele a situação da qual a música falava e então passou a cantá-la em pensamento,

*Sei que o seu relógio
Está sempre lhe acenando
Mas não buzine
Que eu estou paquerando [Rf]*

*Eu sei que você anda
Apressado demais
Correndo atrás de letras
Juros e capitais
Um homem de negócios
Não descansa, não
Carrega na cabeça
Uma conta corrente
Não perde um minuto
Sem o lucro na frente*

*Juntando dinheiro
Imposto sonogando
Passando contrabando
Pois a grande cidade não pode parar
A grande cidade não pode parar [Rf]*

*A sua grande loja
Vai vender à mão farta
Doença terça-feira
E o remédio na quarta
Depois em Copacabana e Rua Augusta*

*Os olhos bem abertos
Nunca facilitar
O dólar na esquina
Sempre pode assaltar*

*Mas netos e bisnetos
Irão lhe sucedendo
Assim, sempre correndo
Pois a grande cidade não pode parar
A grande cidade não pode parar [Rf]*

Ao mesmo tempo, **Camila** lembrava da música “*Namorinho de Portão*” e na doce armadilha que o destino lhe havia preparado naquele dia. Será que o Rodrigo é um rapaz direitinho? Imediatamente reagiu ao pensamento e, em seu íntimo raciocinou, espero que não. Depois riu de si mesma e concluiu, ele é fã do Tom Zé, jamais entraria nessa *vibe*.

*Bom rapaz, direitinho
Desse jeito não tem mais
Bom rapaz, direitinho
Desse jeito não tem mais [Rf]*

*Namorinho de portão
Biscoito, café,
Meu priminho, meu irmão...
Conheço essa onda,
Vou saltar da canoa*

*Já vi, já sei
Que a maré não é boa
É filme censurado
E quarteirão
Não vai ter outra distração. [Rf]*

*Eu aguento calado
Sapato, chapéu
O seu papo furado
Paris, lua de mel
A vovó no tricô
Chacrinha, novela
O blusão do vovô
Aquele tempo bom que já passou
E eu, de “é”, de “sim”, de “foi” [Rf]*

*O papai, com cuidado
Já quer saber sobre o meu ordenado
Já pensa no futuro
E eu que ando tão duro
Não dou pra trás
Entro de dólar e tudo
Pra ele o mundo anda muito mal
Lá vem conselho e coisa e tal [Rf]*

Porém, à medida que o final da viagem se aproximava ambos passaram a viver uma cruel incerteza. O que aconteceria quando Rodrigo deixasse Camila em frente ao prédio onde ela morava? Rodrigo sofria em pensar que a última lembrança dela, seria seu maravilhoso e estonteante sorriso saindo do carro e deixando para trás uma improvável história de amor. E, por mais que se esforçasse não conseguia imaginar uma forma de abordá-la sem que isso pudesse parecer assédio. Camila, por sua vez, se perguntava o que precisaria fazer para provocar um novo encontro com aquele ser tão inesperadamente interessante? Coube à Camila e sua coragem de mulher livre tomar a iniciativa. Antes de sair do carro, abriu a bolsa, tirou um *post it*, anotou seu telefone e o colou no painel do carro. A euforia se apossou de Rodrigo que não deixou a oportunidade fugir, ligou para Camila no mesmo dia, combinaram um encontro e, desde então, estão curtindo uma história de amor.

Hoje dividem com o gatinho Brás, um apartamento em São Paulo onde colecionam discos de vinil e passam horas ouvindo as incríveis, maravilhosas, contestatórias, revolucionárias, ousadas, espetaculares, inebriantes e, acima de tudo, amorosas composições de Tom Zé que, a partir desse dia, ficou conhecido também como o Cupido Tropicalista.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.